

Mulher de casa e de candomblé

¹Valdinéia Oliveira dos Santos.

Este artigo discute as tensões que emergem no cotidiano da mulher candomblecista, especificamente, quando é casada com alguém de fora da religião. Trata-se de uma investigação subsidiada através das memórias de um grupo de mulheres do candomblé, junto às quais se procura compreender quais as estratégias com as quais subvertem o poder de seus maridos para ir ao candomblé. Também com quais mecanismos de vigilância e controle social tem que lidar na vida doméstica e pública.



A região sul da Bahia é nacionalmente conhecida como região do cacau porque entre o final do século XIX e início do século XX toda sua economia foi estruturada em torno da cacauicultura. No contexto dessa dinâmica sócio histórica, foram emolduradas relações sociais e definições específicas sobre espaço, linguagem², tempos e sujeitos. No jogo em que a memória e a história afiguram-se em disputa, como campo de poder, os coronéis do cacau dominaram o discurso histórico local e construíram a interface entre a trajetória de origem da elite cacauqueira e a estruturação da economia regional. Em razão disso, os estudos que se dedicam

¹ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Antropologia da Cultura Afro-brasileira pela UESB. Professora da Faculdade Santo Agostinho.

² NETO, Euclides. **Dicionário das roças de cacau**. Ilhéus: Editus, 2002.

a interpretar essa região concentram-se sob a perspectiva economicista e fazem apologia ao feito dos coronéis em sua vida pública³.

Dentre os conceitos que marcam a *invenção*⁴ dessa região, como objeto de pesquisa para a ciência, subjaz a perspectiva de linearidade e homogeneidade que silencia sobre as diferenças: as mulheres comparecem de forma rarefeita, a participação do trabalho escravo e de heranças africanas foi negada e o catolicismo viceja como religião oficial. É nesse ínterim, que as interações sociais, dessa região, se convertem em um rico objeto para análise antropológica. A proposição desse artigo nasceu da observância desse problema e coaduna-se com a perspectiva de que na vida social no sul da Bahia sobrevive a heterogeneidade. Nessa perspectiva, propõe-se a instigar problemáticas localizadas em torno das relações de gênero e religiosidade.

É certo que havia um predomínio masculino nas relações familiares na sociedade cacauera, mas, é de todo modo, arbitrário aceitar que existia uniformidade no controle dos homens sobre a vida das mulheres, que todas eram esposas dóceis, submissas e dedicadas ao catolicismo. É no interstício dessas diferenças que esse artigo atua. Interessa observar a realidade das mulheres negras nas pequenas cidades da região sul da Bahia, para além de sua função na estrutura econômica vigente, mas, concentrando-se na sua pertença ao candomblé.

A memória social registra a mulher do sul da Bahia a partir de uma única perspectiva identitária: esposas dos coronéis do cacau. Gustavo Falcón⁵ (1995) cita Dona Ambrosia Fernandes Badaró, Dona Ana Santos Oliveira, Eufrozina Berbet, todas como membros da sociedade tradicional ilheense. Sua vida social restrita ao espaço privado, lugar desvinculado do poder. Seu cotidiano orbitando sob o poder dos homens, ressaltando-se que o casamento ajudava a compor as alianças políticas locais. Esposas, mães, brancas, católicas, esse perfil das mulheres da elite cacauera significa uma unidade para a identidade regional; em razão desse equívoco é preciso olhar para as realidades que ficaram fora desse discurso: a mulher negra e candomblecista.

Entre a casa e o candomblé

Há uma tensão de poder, fruto de uma dupla relação que se instaura, na medida em que, as relações de gênero na sociedade ocidental são assimétricas. Então, a mulher no candomblé vivencia uma dupla pertença identitária: como mulher casada possui funções culturalmente definidas. Mas também possui uma identidade

³ FALCÓN, Gustavo. *Os coronéis do cacau*. Salvador: Ianamá/centro Editorial e Didático da UFBA, 1995; FILHO, Adonias. *Sul a Bahia: chão de cacau – uma civilização regional*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1976.

⁴ Termo referido por Durval Muniz Albuquerque na obra *Invenção do Nordeste e outras Artes* (1999).

⁵ Gustavo Falcón, na obra *Os Coronéis do Cacau* (1995) ao identificar os principais coronéis do cacau de Ilheus cita o nome de suas esposas, ressaltado sua ascendência tradicional.

orientada pelo sistema mítico das nações africanas que vê o papel feminino a partir de outros parâmetros. O casamento lhes prescreve a submissão ao marido; mas em outro extremo, as filhas de santo possuem a orientação do seu orixá que não se sujeita a autoridade masculina, nem aos papéis sociais.

Além do mais, no candomblé há um universo de atividades que requer autonomia da mulher. Há obrigações que exigem sua estadia na casa, há interdições sexuais, por vezes, uma mulher tem a necessidade de passar vários dias na comunidade-terreiro, fazer viagens, ir às festividades, ela tem uma vida pública com deveres definido e um peso hierárquico. O candomblé é estruturado a partir de uma cosmovisão que afirma uma identidade específica para o gênero feminino. Quando a mulher se integra a esse universo, sua identidade vai sendo moldada através das representações contidas em um sistema mítico referenciado pelas nações africanas; constitui-se uma nova consciência de si, do seu papel no mundo e de sua conduta social; sua personalidade, suas vontades passam a ser orientadas pelo orixá. Quando se trata de uma mulher casada, com alguém que não participa da religião, instaura-se uma realidade tensa e complexa: um casamento em que há uma situação de fronteira cultural com relações de alteridade marcadas pelo contraste.

Nas religiões de matriz africana, termos como casa de candomblé, família, pai, mãe, irmão, são usados para identificar a relação das pessoas como o espaço e, sobretudo, entre si. As palavras não são vazias, são carregadas de historicidade, efeitos e sentidos. Nesse caso, os sentidos apontam para uma tessitura complexa de relações que são engendradas pelo sagrado, pelo sistema mítico que dispõe sobre uma lógica para as modalidades de interação no grupo pela via da ancestralidade, etnicidade. Teresinha Bernardo⁶ ao referir as experiências de vida de Olga de Alaketu como yalorixá faz a seguinte afirmação: a mulher de candomblé tem duas famílias “a de sangue e de santo” que se confundem.

Essa dupla modalidade de vivência se desdobra em situações ainda mais complexas em âmbito público. Nesse contexto, os constrangimentos sociais são acionados por meios de calúnias, escárnio e difamação. Essas são formas de coerção moral, através das quais, ditam-se os códigos de normatividade para as mulheres e também para os homens. Assim, a mulher casada e candomblecista convive com complexos mecanismos de subjetivação em seu papel social, a saber, desloca-se em espaços de contrastes, fronteiras, fazendo uso de estratégias e acordos tácitos. Através da experiência de vida narradas pelas mulheres percebe-se que a ancestralidade africana é concebida como referencia cultural, em relação a qual, ocorre um redimensionamento das relações de gênero. Trata-se de afirmar que no candomblé as mulheres engendram uma identidade compartilhada, calcada em representações contidas nos mitos africanos, que se contrapõe, em muitos aspectos,

⁶ BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

a cultura ocidental estruturando situações de tensão nas interações cotidianas. O problema se coloca no sentido de entender em que medida esses casamentos, protagonizados por mulheres negras, se ajustavam a ordem social vigente.

Sobre mulher, gênero e candomblé

Na história da antropologia, as questões que envolvem a relação entre homem e mulher em sociedade foram, inicialmente, discutidas pela teoria do parentesco, que conta com os estudos exponenciais, de autores como Claude Lévi-Strauss⁷ e Evans-Pritchard⁸, aqui no Brasil, Viveiros de Castro⁹, entre outros. Entre as décadas de 70/80 a antropologia feminista distingue sexo de gênero, distancia-se dos postulados biológicos da teoria do parentesco, para afirmar que as condições de desigualdade entre o masculino e o feminino são uma construção cultural. Judith Butler¹⁰ afirma que a antropologia feminista opera com uma noção fixa sobre identidade feminina, é preciso pensar a identidade do sujeito como discursiva e múltipla. Segundo Joan Scott¹¹ a categoria relações de gênero tem importância elementar para a pesquisa histórica porque possibilita compreender a dinâmica social como um todo. A autora enfatiza que é necessário analisar a relação entre mulheres e homens, definidas por hierarquias e posições de poder. Michele Rosaldo¹² defende que é preciso deixar de lado a questão sobre a origem da desigualdade entre os sexos para se concentrar na relação entre eles. A seu ver, quando medimos a mulher contra o homem as pesquisas antropológicas só tem a perder, devemos relacioná-las a um homem para compreender a vida que levam, as formas locais de relações e de desigualdade.

Alcançar a discussão sobre a mulher negra e sua relação com os homens, implica observar a ancestralidade africana na construção da identidade feminina, através da memória. Tal esforço requer um retorno às proposições teóricas de Émile Durkheim, em *Formas Elementares da vida Religiosa*, (1912). Isto porque, Durkheim sublinha que a religião participa na formação do sistema de representações que as pessoas têm sobre si e sobre o mundo. Em suas palavras: “não há religião que não seja uma cosmologia”¹³. Segundo, ele as categorias e entendimento sobre, tempo, gênero, espaço clima estão presentes na religião, o que possibilita pensar sobre a autoridade da religião na constituição da noção de gênero.

⁷ Claude Lévi-Strauss: **Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1982

⁸ EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

⁹ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (org). **Antropologia do Parentesco**. Estudos Ameríndios. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1995.

¹⁰ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

¹¹ SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

¹² ROSALDO, Michelle. **O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminino e o entendimento intercultural**. Revista Horizontes Antropológicos – Gênero. Porto Alegre, ano I, n I. 1995.

¹³ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (p. XV)

A reflexão sobre cosmovisão e religião, ganha relevo através de Roger Bastide no livro *O candomblé da Bahia* publicado em 1978. Ele foi o pioneiro em identificar que ao integrar essa religião, os negros estabeleciam vínculos memorialísticos com tradições das nações africanas. Cito suas palavras: a iniciação numa casa de candomblé implica em que: “uma primeira ruptura se produziu, o homem se destacou da civilização profana, brasileira para se integrar à civilização africana” (BASTIDE, 1978, p.29). Nesse ínterim, as análises de Bastide possibilitam o entendimento sobre a conduta das mulheres de candomblé como um reflexo da mitologia dos deuses e pensar sobre o modo como sua vida pessoal e afetiva é perpassada pela vontade dos orixás. “(...) é a tradição mítica que fornece ao mesmo tempo os quadros dos mecanismos de pensamento, das operações do comportamento humano e, finalmente das trocas sociais”. (BASTIDE, p. 265-266).

O sistema mítico do candomblé traz imagens simbólicas a respeito das relações de gênero entre os orixás, lidar com uma mulher de candomblé implica em saber que há em essência, uma ancestralidade africana norteando as reciprocidades sociais. A mitologia dos orixás é tema que comparece nas obras de Nina Rodrigues¹⁴, Arthur Ramos¹⁵, Pierre Verger¹⁶, Roger Bastide¹⁷ e Reginaldo Prandi¹⁸.

Os caminhos entre as relações de gênero e candomblé se cruzam e formam um campo profícuo a partir da antropóloga norte-americana Ruth Landes. Em sua obra *A Cidade das Mulheres* publicada em 1967 Landes foi pioneira em detectar que havia uma singularidade nos candomblés da cidade de Salvador, a saber, as posições hierárquicas superiores eram, em sua maioria, ocupadas por mulheres. Sua pesquisa etnográfica põe em destaque o poder das mulheres no candomblé, referindo à vigência de um matriarcado nessa religião. No tocante a independência das mulheres do candomblé, Landes oferece um amplo campo de interpretações sobre as mulheres do candomblé e seus casamentos. A respeito da sacerdotiza do Gantois, Mãe Menininha, com quem conviveu, afirma que ela tinha um companheiro fixo, o advogado Álvaro MacDowell de Oliveira, mas que optou por não se casar. A seu ver:

Menininha não se casou legalmente com ele pelas mesmas razões por que as outras mães e sacerdotisas não se casavam. Teria perdido muito. De acordo com as leis daquele país católico e latino, a esposa deve submeter-se inteiramente à autoridade do marido. Quão incompatível é isto com as crenças e a organização do candomblé! (LANDES, 1967, p. 164).

¹⁴ RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**, Rio de Janeiro, UFRJ/Biblioteca nacional, 2006.

¹⁵ RAMOS, Arthur. **O negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934.

¹⁶ VERGER, Pierre: **Orixás**. São Paulo: Ed. Círculo do Livro/ Corrupio, 1986.

¹⁷ BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁸ PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Landes percebe, com acuidade, o jogo que movimentava as relações de poder no casamento das mulheres de candomblé. Segundo ela, o culto exige responsabilidade e dedicação, que muitos maridos não aceitam, por força da orientação cultural do país.

Pensar sobre a distribuição de poder no espaço doméstico remete a história das mulheres de Michele Perrot, principalmente, porque é inspirada nos pressupostos teóricos de Michel Foucault¹⁹, segundo o qual, o poder é relacional e se espalha no corpo social entre os indivíduos. Perrot²⁰ identificou as condições em que foi construído o silêncio sobre as mulheres na história do ocidente e distingue o poder do homem, localizado no espaço público, lugar por excelência do poder e da história, e a trajetória de vida das mulheres, no silêncio dos espaços privados. Segundo Perrot, nesse lugar social, as mulheres constituíram suas estratégias, seus “micro-poderes” e, por conseguinte, sua intervenção histórica. Dentre obras como: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*²¹, *Mulheres Públicas*²², ela subsidia reflexões sobre as relações de poder que envolvem a mulher no espaço público: Cito suas palavras:

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual desde a Grécia antiga pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. Uma mulher em público está sempre deslocada, diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma idéia de desordem. (1998, p. 8)

A respeito da presença das mulheres negras no espaço público, Pierre Verger²³ discorreu sobre a participação das mulheres nas feiras africanas. Também em Salvador, a mulher negra ocupava o cenário público tendo participação ativa na economia colonial como ressalta Moreira Soares²⁴ e também Ferreira Filho²⁵. As pesquisas de Cristiane Batista da Silva Santos²⁶ na comunidade do Camamuzinho, localizada no sul da Bahia, apontam que a mulher negra participava ativamente do mundo do trabalho e no espaço cultural da comunidade, destacando-se a função de poder dessas mulheres, que amparavam a comunidade com seus saberes de matriz africana.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Organização de Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

²⁰ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

²¹ PERROT, Michelle. **Os Excluídos as História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992.

²² PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo, Editora Udesp, 1998.

²³ VERGER, Pierre. **Os mercados nagôs**. Artigos. Tomo I. Salvador, Corrupio. 1992.

²⁴ MOREIRA SOARES, Cecília. **As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Salvador, CEAO-UFBA, Afro-Ásia, v17.

²⁵ FERREIRA FILHO, H. Alberto. **Salvador das mulheres e condição feminina e cotidiano na belle époque imperfeita**. Dissertação de mestrado. Salvador, FFCH/UFBA.

²⁶ SANTOS, Cristiane, Batista da Silva. **Nas terras do cacau: religiosidade, mulher negra e comunidade**. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009. Disponível em: www.africaeaficanidades.com/Nas_terras_do_cacau_religiosidade_mulher_negra_e_comunidade.pdf

Teresinha Bernardo²⁷, sob a inspiração de Ruth Landes, construiu importantes reflexões sobre experiências de vida de mulheres negras, analisando as condições em que se desenvolve sua autonomia e poder na religião de matriz africana. Também a esse respeito, Elisa Larkin Nascimento organizou a obra *Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente* (2008). Essa obra conta com várias contribuições, dentre as quais, destacam-se os textos *O candomblé* e *O poder feminino no culto aos orixás*, de autoria de Suely Carneiro e Cristiane Cury. Nos referidos textos, as autoras apontam para as modalidades de papéis que as mulheres vivenciam quando se integram ao candomblé. Em suas palavras:

No caso do indivíduo na sociedade burguesa que seja membro de uma comunidade do candomblé, existe uma dupla e complexa relação, pois ele é ao mesmo tempo sujeito integrante de duas experiências sociais e culturais. (CARNEIRO E CURY, 2008, p. 98)

Dentre as pesquisas acadêmicas que se dedicaram a interpretar o sul da Bahia, destacam-se autores clássicos²⁸. No entanto, a presença de questões sobre Gênero nesses estudos é rarefeita, visto que os autores não tivessem tal propósito. Nesse sentido, uma discussão sobre relações de gênero e candomblé segue o percurso que parte das pressuposições de Mary Ann Mahony²⁹, sobre a presença africana no sul da Bahia. Também há importantes discussões propostas por Roy Póvoas³⁰ e Valéria Amin³¹. Esses estudos demonstram como a pertença étnica e religiosa redimensionaram as interações sociais na região. Por fim, a citação de Póvoas desenha o cenário desse artigo:

²⁷ BERNARDO, Teresinha. **A mulher no candomblé e na umbanda**. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1986.

Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu. Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

²⁸ Antônio Fernando Guerreiro de Freitas e Maria Hilda Baqueiro com o livro, *Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul - Ilhéus 1534-1940* (2001); Angelina Rolim Garcez: *Mecanismos de formação da propriedade cacauieira no Eixo Ilhéus-Itabuna* (1890/1930); Gustavo Fálcon, *Os coronéis do cacau* (1995); Maria Hilda Baqueiro Paraíso, *A Capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul, caminhos de ir e vir e caminhos sem volta: índios, estradas e rios no sul da Bahia*; André Luis Rosa Ribeiro, *Memória e Identidade: Reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauieira - 1880-1950*, (2005) e Lurdes Bertol Rocha com o *A Região cacauieira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa* (2008.)

²⁹ MAHONY, Mary Ann. **Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauieira da Bahia** *Cadernos de Ciências Humanas* – MAHONY, Mary Ann. **Instrumentos Necessários** *Esclavidão e posse de escravos no sul da Bahia no séc. XIX, 1822-1889*. Afro-Ásia. Especiaria v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 737-793. http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed18/traducao_mahony.pdf.

³⁰ PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Memória e Identidade preservadas nas narrativas do Ijexá**. In: FÓRUM TEMÁTICO: Tradições afro-religiosas nas Américas e dimensões da sustentabilidade. XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário: Congresso Internacional – Imaginário do envolvimento/desenvolvimento. Recife, 2008.

A Memória do Feminino no Candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro. Ilhéus: Editus, 2010.

³¹ AMIN, Valéria. **Águas de Angola em Ilhéus: um estudo sobre construções identitárias no candomblé do sul da Bahia**. Tese de doutorado. 2009.

Aquela mulher de aspecto humilde que passa o dia inteiro a beira de um fogão de lenha, cozinhando para os orixás, à noite, no *xirê*, Oxum nela se manifesta, e ela adentra o barracão, recamada de dourado, portando jóias e adereços deslumbrantes, revestida de realeza e é saudada aos brados. Seus irmãos de santo não vêm mais a cozinheira. Nela está manifestada Oxum, a mãe das Águas Doces, Senhora das Cachoeiras, dona do ouro, da riqueza, do brilho, reinando absoluta, dançando, acolhendo e abençoando seus filhos, que lhe são tão caros. É quem se sente filho de rainha, considera a si próprio como príncipe ou princesa. Por isso mesmo, talvez, a auto-imagem do negro não tenha sido destruída. (PÓVOAS, 2010. p 106).

Cito aqui o relato de Maria Neusa que é negra, candomblecista, viúva, servidora pública, tem 68 anos.

Pedro, meu marido, não queria que eu fosse pra Teixeira de Freitas, quando ia chegando perto da data de ir, ele começava as brigas dentro de casa. Eu costurava para juntar o dinheiro da viagem, pra não depender dele, ele jogava praga, dizia que o carro ia virar, que ainda ia ver eu me arrepender de ter ido, eu ia contra a vontade dele, quando chegava ele tava emburrado, de cara feia, era assim toda vez, mas eu nunca deixei de ir, o povo enchia os ouvidos dele com fuxicos dizendo que eu tava traindo ele, mas quando alguém falava eu ia atrás tirar pergunta, resolvia, ele tinha que me dizer quem disse, eu ia na porta tirar a limpo³².

Sua narrativa traz dados importantes sobre as estratégias femininas: diante da falta de apoio financeiro do marido, ela se fez costureira e conquistou a independência. O que nos faz pensar sobre o papel das mulheres negras na economia doméstica no período pós-abolição. Reminiscências de um Brasil colônia que se atualiza na atualidade, quando aí estão às mulheres negras ganhadeiras, usando a aprendizagem de um ofício para sustentar sua fé.

Quando Neusa voltava para casa, assim como as outras, se defrontava com uma situação ainda mais grave: o marido fora instigado por calúnias que associavam sua ida ao candomblé com uma suposta traição: uma fragrante associação entre autonomia da mulher negra e amoralidade. Novamente temos a sobrevivência de um ideário que remete ao Brasil colonial: a oposição entre a mulher branca reclusa e recatada e o imaginário sobre a negra livre ocupando o espaço público e vivendo em licenciosidade sexual. Socialmente, não se pensa em traição quando uma mulher branca católica vai a uma romaria. Então, a idéia contrária de que uma mulher negra indo ao candomblé está traindo, expõe um sistema de exclusão, uma interdição ao seu lugar social, demonstra a sobrevivência de marginalizações que incidem sobre três lugares de identidade: mulher, negra e do candomblé.

Maria Neusa tem uma vivência que espelha a de muitas outras mulheres. Ela agora é viúva e destaca que sua convivência com o marido nunca foi de todo

³² Entrevista realizada em setembro de 2007.

pacífica, mas que ela, mulher de Ogun, nunca fugiu de briga, nem de confusão, muitas vezes teve que ir a porta de alguma fuxiqueira defender sua honra, mas nunca deixou de ir ao candomblé que tanto ama.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Anailde. **A Construção Social do ser Humano e ser Mulher**. Salvador: EDUNEB, 2010.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. Educ; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LANDES, Ruth. 2002. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NEVES, Lorainy Lyesy França Neves. **Colégio Divina Providência: na formação das damas itabunenses: 1924-1940**. Ilhéus, BA. 2002. Monografia (Especialização em História Regional) – Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

POVOAS Ruy do Carmo. **A Memória do Feminino no Candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro**. Ilhéus: Editus, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSALDO, Michelle. **O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre feminismo e entendimento intercultural**. Revista Horizontes Antropológicos, N. 01, 1995.

THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1996.